

# ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

José Joubert Chaves  
EDITOR

EDIÇÃO SEMANAL  
Empreza do jornal O SÉCULO

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida  
com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e oficinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43 — LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 4 DE JANEIRO DE 1904

NUMERO 9



# CHRONICA

<sup>2</sup> Quando o velho anno, o finado anno, chegou lá cima aos espaços onde vivem as estrelas e onde vive Deus a vêr envelhecer o sol, mais uma nuvem negra se alastrou na imensidão, como um lençolão de luto a tomar o seu lugar no estendal das eras, ao lado de outros annos que ficaram celebres e se chamaram: o anno da peste, o anno terrível e anno da matança e os annos económicos de Portugal. Essa nuvem negra, toda de crepe, extensa, grossa e rugada, que tem nas suas dobras as dôres, as misérias, os crimes, que guarda as desditas, as catastrofes, as cidades em cinzas, o sangue dos que morreram nas guerras e a lívidez dos que morreram de fome, que encerra todos os feitos do anno findo, essa nuvem de tormenta, pesada e triste como uma bandeira a meia haste, ficou a pairar sobre o mundo até à alvorada, toldando o céu, imensa e da cós dos lutos.

Lisboa não a viu, porque, de copo na mão, festava o advento do anno novo, sem um receio, sem um terror, indiferente e patuca, encarecendo o vinho e clamando: rei morto, rei posto.

Mas Deus, no ninho algodoadado do infinito, de sobrecenso carregado e mão estendida, depois de julgar o anno morto e de lhe dar o destino de se tornar nuvem feia e negra, nuvem de tempestade, ficou a meditar nos males que existiram no seu reinado, nesses doze meses de 1903.

E ao fim da sua meditação, olhando um esquadro de anjos de corações flammejantes, que são estrelas, escolhem d'entre elles o mais rosado, o mais suave, e tomado um ramo da oliveira verde da paz, sagrado o anjo com o seu olhar divino, abençoando-o com o sorriso dos seus labios ancestrais, embalando-o nos seus braços fortes de obreiro de mundos, afrouxo pelos espaços e gritou:

— Vae ser o anno novo!

O anjo veiu a rolar pelas nuvens cós de algodão, veiu a cambalhorear no vigor do impulso dos braços divinos e entre um círculo festivo das virgens e dos arcanjos, acariciado pelos olhos das estrelas suas irmãs e suas companheiras, perdeu-se nos espaços, em direcção á terra.

Assim nasceu o anno de 1904 pela meia noite de 31 de dezembro, na hora regelada e no céu infinito onde tremelizam astros.

Com esse impulso, rolando de céu em céu, n'uma desastrosa queda, as roupas revoltas, mostrando as carnes cós de rosa, o novo anno deixou cair da mão-síta tenra o ramo da paz o solto o seu vagido, que se perdeu nas rochas de crystal onde Deus guarda as chuvas: e no seu coração de creaçao nasceram a primeira dor e no seu rosto roseo e lacteo vincou-se a primeira ruga.

Agora, na sua viagem através dos seis céus, viagem que leva dois meses da fronteira de um céu á de outro céu, sempre desolado e sempre a criar rugas, elle busca alcançar o ramo verde da paz que Deus lhe entregou como símbolo do bem ao vêr o grande estendal de nuvens negras, que são milhares de annos maus e que já vão empanhando o azul radioiso das abobadas santas.

Elle vai como um caminheiro ancioso procurar o seu ramo de paz, temendo a hora do seu julgamento, em que se tornará nuvem negra ou nuvem de ouro, segundo o que fizer, segundo o que determinar; e ouve sempre a voz grave e dominante do Creador gritar-lhe: Vae ser o anno novo.

Quando constou esta notícia, Lisboa fez apostas, como diante de todos os casos sensacionais; a Balxa, exultada, perguntou:

— Agarra ou não agarra o ramo da paz?!

Dizem que sim os grandes, os dirigentes, os que mandam, afirmam a phrase de affirmatione aos ventos e prometem um anno de prosperidade como Deus quer e como Deus manda. Dizem que não os povos, os humildes, os desgraçados, e a apostila fica de pé, desde o primeiro ao ultimo dia d'esse anno que entrou. Mas se o Creador quer o bem, quer a tregua, quer a felicidade? — clama-se por ali na febre da apostila. E todos se esquecem que Deus, com a sua infinita bondade, cedeu nos desejos, às vontades do seu povo e, entregando-se aos seus ministros, governa hoje constitucionalmente, com um Querer theorico, com um domínio de poder moderador.

Por isso o novo anno, como os outros, além dos centauros, dos caranguejos, de todos os signos zodiacais, symbolos dos meses, tem um symbolo proprio, unico, uma figurinha velha, minada e corcovada, que encerra o gelo de receio, uma figurinha nascida por artes diabólicas e por elle agora mais uma vez applicada, n'aquelle velha teima malevola de se meter na obra de Deus.



O HOMEM DAS CASTANHAS



UMA RANCHADA

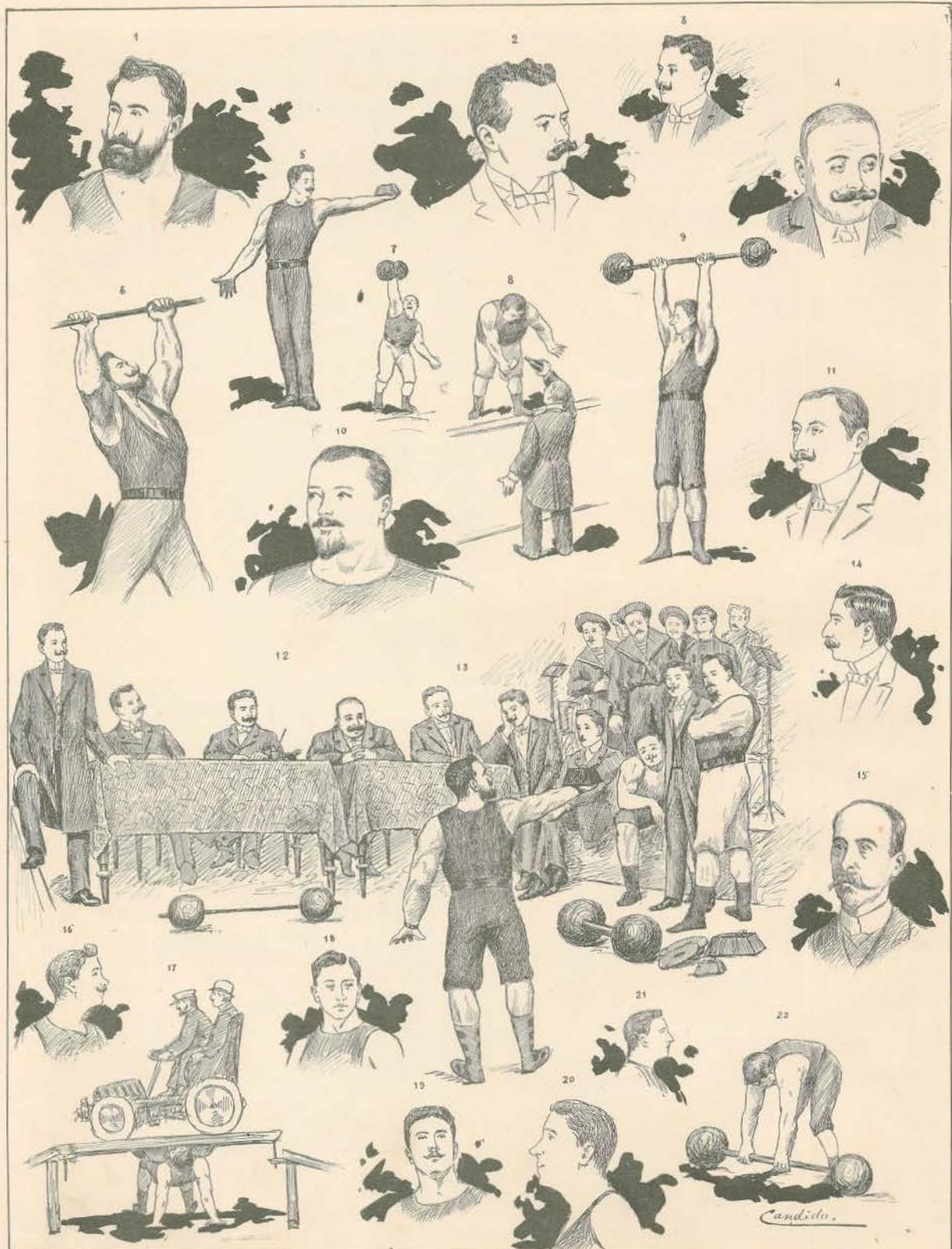


A COMPRA D'UMA VACCA

A PRIMEIRA FEIRA DE GADO EM ODIVELLAS, NO DIA 27 DE DEZEMBRO



O NATAL NO DISPENSARIO DE S. M. A RAINHA SENHORA D. AMELIA—S. M. DISTRIBUINDO A SOPA ÁS CREANÇAS

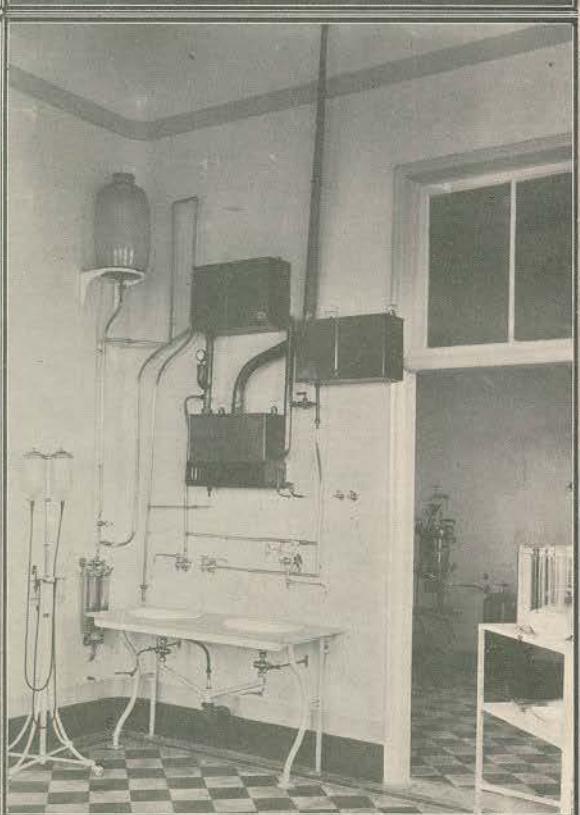
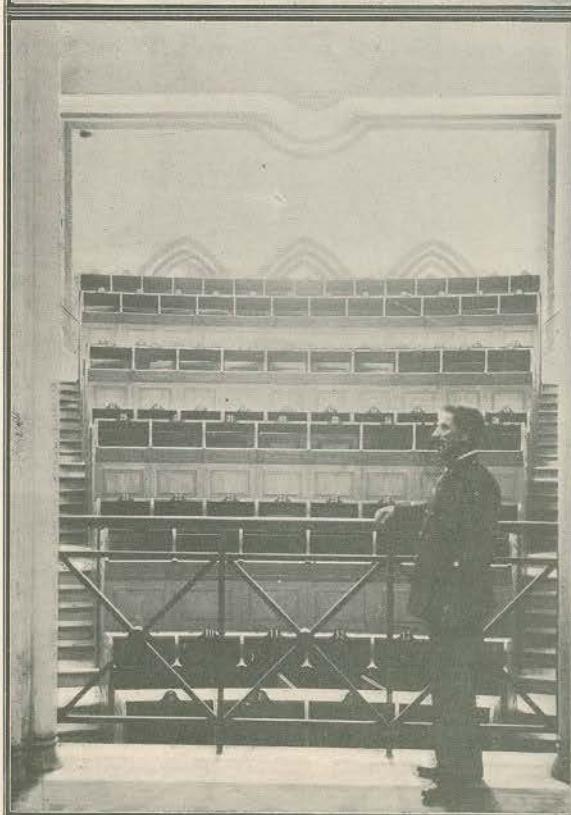
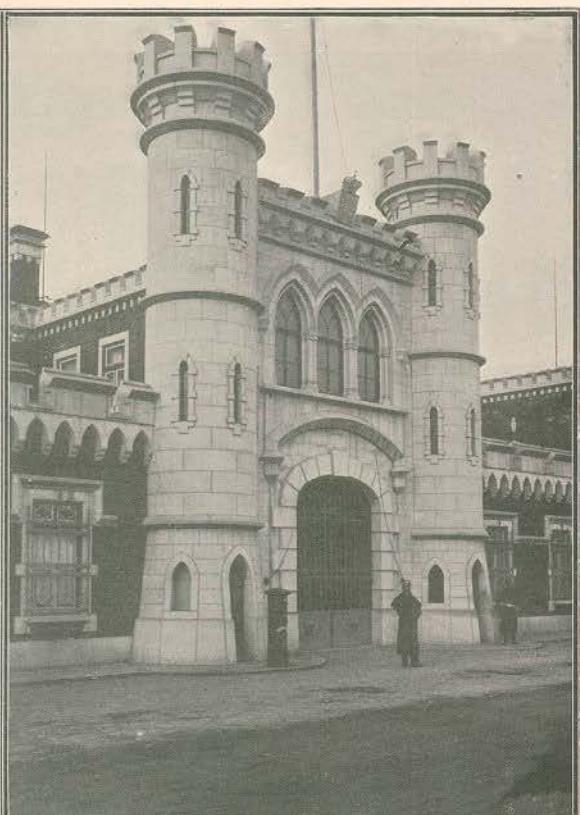


O CONCURSO D'ATHLETICA REALISADO NO SALÃO DA TRINDADE PROMOVIDO PELO «JORNAL DA NOITE» AO QUAL PRESIDIU O PROFESSOR DESBONNET, SENDO CÁMILLO BOUHON PROCLAMADO CAMPEÃO DO MUNDO, EM 23 DE DEZEMBRO



A PENITENCIARIA DE LISBOA

A CAPELA—UMA DAS ALAS ONDE ESTÃO AS CELAS—AS CELAS DA ENFERMARIA—UMA DEPENDENCIA DA ENFERMARIA—A COZINHA



A PENITENCIARIA CENTRAL DE LISBOA

A OFICINA D'ENTALHADORES NO PAVIMENTO INFERIOR—A PORTA PRINCIPAL DO EDIFÍCIO—O AMPHITHEATRO ONDE OS PRESOS ASSISTEM À MISSA E ÀS AULAS  
—A SALA DAS OPERAÇÕES NO NOVO HOSPITAL



A PENITENCIARIA CENTRAL DE LISBOA  
A PADARIA — O EDIFÍCIO EXTERIORMENTE, AS ALAS A B C — A FACHADA PONTE DO NOVO HOSPITAL — OS SECTORES ONDE OS PRESOS FUMAM E DESCANÇAM





A ARVORE DO NATAL NA SALA NUBRE



GRUPO DE CRIOS DA ORCHESTRA E AS CEDAS DA AULA DE CASTO

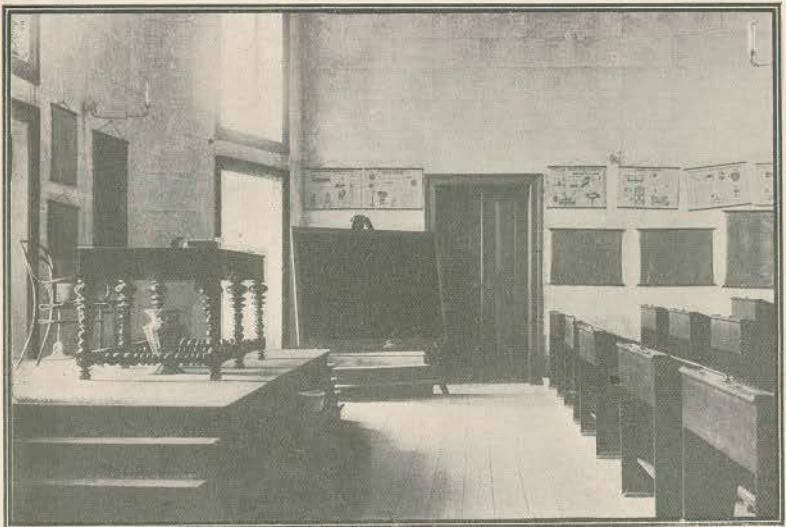


O DORMITÓRIO DAS ALUMNAR

O NATAL NO ASYLO ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO (ESCOLA DE CEGOS)



OFICINA ONDE SE FABRICAM AS BRUCAS



A AULA D'INSTRUCCÃO SECUNDARIA



UM GRUPO DE ALUMNOS NO PATEO



O REFEITORIO



O NATAL NO ASYLO MARIA PIA

UM GRUPO DE ASYLADOS



UM ASPECTO DO JARDIM ZOOLOGICO NO ULTIMO DOMINGO—EM FACE DA JAULA DOS URSOS



A DISTRIBUIÇÃO DAS MEDALHAS NO QUARTEL DA ESPERANÇA AOS BOMBEIROS QUE MAIS SE DISTINGUIRAM  
EM 25 DE MARÇO DE 1902 POR OCCASIÃO DO INCENDIO DO LARGO DE CAMÕES



## OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Acho, contudo, que, quando alguém tem a felicidade de estar em sua companhia por detrás dos bastidores e de os ver no lar doméstico e na sua intimidade ou pelo fogão, elas são imensamente semelhantes aos simples mortais. Faz mais gosto vê-las então do que no seu aspecto teatral. O vestem-se e procedem da mesma forma que toda a outra gente parece n'elas consigo natural como é meter na algibeira o lapis que vos emprestam um amigo, depois de vos terdes servido d'elle. Porém, depois d'isto, nunca posso ter a menor confiança nos reis de europeu do teatro. Que grande dissabores! Eu estava acostumado a experimentar com elas uma viva satisfação. Mas, d'aqui por deante, hei de desvir o rosto com tristeza, e dizer:

— Nada, isto não me serve — estes não são modos de rei, nos quais eu estou habituado.

Quando elas se pavoneiam no palco com corváias ornadas de joias e trajes deslumbrantes, ver-me-héi forçado a observar que todos os imperadores com que jámais en traiel pessoalmente usavam o vestuário mais vulgar, e não se pavoneavam. E quando entram no palco, seguidos por um numeroso corpo de guarda da capacetes e reinzeiros coroados, será um dever da minha parte informar os ignorantes que nemhuma cabeça coroada do meu conhecimento teve um soldado em qualquer parque próximo da sua casa ou junto da sua pessoa.

Hão de talvez cairdar que o nosso grupo se demorou tempo immenso ou praticou outros actos impróprios, mas tal não sucedeu. Todos nos comprometímos de estar n'uma situação excepcionalmente responsável — representavam o povo da America, não o governo — e conseguintemente punzemos todo o empenho em desempenhar a nossa elevada missão o melhor que nos foi possível.

Por outro lado, as famílias imperiais pensaram, sem dúvida, que, recebendo-nos, era o povo da America que elas acolhiam, mais especialmente do que o poderiam fazer dispensando atenções a um pelotão completo de ministros plenipotenciários; e, portanto, deram a esse acontecimento a sua mais perfeita e cabal significação, como expressão do brio vontade e de amigáveis sentimentos para com a nação interior. A benignidade com que fomos recebidos tomárnos-a como atenções feitas,

n'esse sentido, o não a nós próprios, como grupo. Não negamos que se tivessem um orgulho natural em ser recebidas d'esse modo, e um orgulho nacional com a affectionada cordialidade d'essa recepção.

O nosso poeta foi severamente supprimido desde o momento em que lancimmo ferro. Quando constou que íamos fazer uma visita ao imperador da Russia, romperam-se os mananeiros de seu grande engenho, o foi uma chuva de ineffáveis baboseiras durante vinte e quatro horas. A nossa primitiva afflition em saber como nos havíamos de portar foi subitamente transformada n'outra, a de saber o que havíamos de fazer do poeta. Resolvemos o problema, finalmente. Dous alternativas lhe foram oferecidas — ou devia prestar um tremendo juramento de que não havia de ejacular uma linha sequer da sua poesia em quanto permanecesse nos domínios do czar, ou então ficaria detido no navio, até não partirmos outra vez para Constantimopla. Por largo espaço luciou com o problema, mas por fim cedeu. Foi um grande alívio. Ficou a bordo entretido no inócnito mister de fabricar versos «de pé quebrado».

Todo o dia esteve o mar muito bravo. Todavia, o tempo passou-se bem, e tivemos uma caterva de visitantes. Veio o governador geral, que nos recebeu com uma salva de nove tiros. Trouxe consigo a sua família. Notei que haviam estendido tapetes para elle pisar desde a sua carruagem até à extremidade do casal, embora eu o visse andar por lá sem tapete nenhum fora do exercicio das suas funções. Pensei que talvez tivesse nenhuma das suas funções o de poder se sentar num tapete ou no chão. E que as quizesse resguardar, mas o certo é que as examinei, e não pude ver que tivessem sido engraxadas mais do que o ordinário. Pode ser que lhe tivesse esquecido o tapete, antes, mas seja como for não o trazia consigo. Era um anelão excessivamente amavel.

O principe Dolgorouki e eu ouvimos grandes admirantes, a quem tínhamos visto hontom na recepção, viram também a bordo. A princípio estive um pouco afastado d'estes personagens, porque, tendo eu visitado imperadores, não me apraz estar demasiadamente em contacto com pessoas que só conheço de nome, e de cujo carácter moral e modo de proceder na sociedade não posso estar

porfeitamente informado. Pareceu-me melhor, primeiro, conservar-me um pouco arredado. Disse para os meus botões: «Príncipes e condes e grandes admirantes, está muito bem, mas não são imperadores, e uma pessoa não pode tratar com excessiva atenção pessoas com quem elles acompanham.

Vinham também o barão Wrangel. Costumava ser embaixador da Russia em Washington. Disse-lhe que um dia me calharia do alto de uma torre, e ficara partido em dois, haveria pence mais ou menos um anno. Era uma falsidade, mas n'essa occasião não me sentia disposto a deixar qualquer sujeito eclipsar-me com surpreendentes aventuras, simplesmente por falta de um pouco de inventão. O barão é um bello homem, e dizem que gosa da alta confiança e estima do imperador.

O barão Ungern-Sternberg, orgulhoso fidalgão da mesma só é, vinha com os pais. É homem do progresso e de iniciativa — que representa bem o sceno. E' o director em chefe das vias ferreas da Russia — uma espécie de rei dos caminhos de ferro. Na sua linha está fazendo andar as consas para dentro n'este paiz. Viajou imenso na America. Diz que experimentou, com exito completo, o trabalho dos forcados nas suas vias ferreas. Diz que elles trabalham bem e são sozegados e pacíficos. Contou que actualmente tem empregados aproximadamente dez mil.

Pareceu-me isto uma provocação aos meus recursos. Correspondi-lhe bem. Disse-lhe que nós tínhamos obtido mil sentenças a trabalhar nos caminhos de ferro — todos condenados à morte por homicídio no primeiro grau. Com esta elle entupiu.

Tivemos o general Totleben (o famoso defensor de Sebastopol no tempo do cérculo) e muitos oficiais inferiores do exercito e da armada, e uma quantidade de damas e cavaleiros russos sem representação oficial. Naturalmente, uma taça de Champagne para o lunch era da praça, e foi levado a cabo sem perda de vida. *Toasts* e facetas romperam com liberdade, mas discursos só houve um de agradecimento ao imperador e ao grão-duque, dirigido ao governador geral, pela nossa hospitalidade recepção, e outro que fez o governador correspondendo ao brinde, em que retribuiu os agradecimentos do imperador pelo discurso, etc., etc.



## VII.

Ingresso a Constantimopla — Navegamos para a Asia — Os marinheiros ridiculizam os visitantes imperiais — A astuta Smyrna — O «esplendor oriental», uma peia à coroa pública da vida — Peregrino sabio em profecias — As rapsórgas armadas soviéticas — Uma doce recordação — Chegaram os camelos. Ah! Ah!

Voltámos a Constantimopla, e passado um dia ou dois em fatigantes caminhadas pela cidade e viagens ao Coro do Ouro em *caiques*, partimos outra vez. Atravessemos o Mar de Marmara e os Dardanellos e fizemos rumo para uma nova terra — nova, ao menos, para nós — a Ásia. Tinhámos por ora adquirido apenas um ligeiro conhecimento d'ella, em excursões de recreio a Scentari e as convivialíssimas regiões.

Passámos entre Lemnos e Mytilene, e vimo-las como tinhamos visto Elba e as ilhas Baleares — meras sombras, tocadas pelas esmaecidas nevoas da distância, baleias entre o novo e o velho, por assim dizer. Dirigimo-nos depois para o sul e começámos a enxergar a famosa Smyrna.

A todas as horas do dia e da noite os marujos no castelo da praia se divertiam, offendendo-nos, e ridicularizar a nossa visita á realza. O parágrafo inicial da nossa mensagem ao imperador ora concebido nos termos seguintes:

«Somos uma porção de cidadãos particulares da América, que fazemos simplesmente uma viagem de recreio — e sem ostentação, como convene ao nosso estado, sem representação oficial — e, por consequência, nenhuma desculpa temos de vir apresentar-nos na presença da vossa magestade, salvo o desejo de oferecermos o nosso reconhecido conhecimento ao senhor de um reino, que, segundo dizem as boas e as más línguas, tem sido o consigo amigo da terra que tanto amamos.»

O torcedor cozinheiro, covardo com uma resplendente baía do estanho e o majestosamente envolvido n'uma toalha de mesa cheia de nodos de gordura e de manchas de café; com uns sapatos que tinha extravagantes paragens com um cabo de vassoura, andava por cima de um tapete estragado, e encarrapitava-se no cabrestante, sem se lhe dar dos horrores do mar; rodeavam-no os seus camaristas, diques, os grandes almirantes, fuscos e maltratados de maa tempos, adornados com tanta a pompa que lhes podiam fornecer os encantados de sobreabundante e restos de velhas volhas. Depois os moços inferiores transformados em damas desengraçadas e grotescos peregrinos, por meio de rudes *travessies*, com cabelos caídos, saias do balão, luvas de pelica brancas, e casacos compridos, caminhavam solenemente no lombadilho, e cur-

vando-se muito, começavam um sistema de sorrir complicado e extraordinário, a que poucos monarcas poderiam resistir. Em seguida, o burlesco consul, um moço de bordo empastafado de lama, tirou um pedaço de papel sujo, e tratou de ler difficilmente:

«A sua imperial magestade, Alexandre II, imperador da Rússia:

«Somos uma porção de cidadãos particulares da América, que fazemos simplesmente uma viagem de recreio — e sem ostentação, como convene ao nosso estado, sem representação oficial — e, por consequência, nenhuma desculpa temos de vir apresentar-nos na presença da vossa magestade.

«Imperador — Então para que viestes?

«Salvo o desejo de oferecermos o nosso reconhecido conhecimento ao senhor de um reino que?

«O imperador — O diabo leve a mensagem! — Ide lá-a à polícia. Camarista, levo-a d'aquei esta gente para o palácio do grão duque, e desejo-lhe de comer. Adens! sinto-me feliz — Estou satisfeito — Estou deleitado — Estou magado — Adens, adens — toca a andar! O primeiro gentil-homem do palácio que proceda á contagem dos objectos portátiveis de valor que pertencem á casa.

Acabava então a fúria para se repetir com toda a multidão de marujos e embellezado por novos e ainda mais extravagantes invenções de pompas e converte.

A todas as horas do dia e da noite matraca os nossos ouvidos a phraseologia d'essa enfadonha mensagem. Suijos marinheiros desciam do cesto da gaveta tranquilmente, dizendo-se «uma porção de cidadãos particulares da América, que viajaram simplesmente para recreio e sem ostentação» etc; os fogneiros iam para a sua obrigação nas profundezas do navio, explicando a negrura do seu rosto e o desalinhado do vestuário, com a observação de que *elles* eram «uma porção de cidadãos particulares, que viajavam simplesmente para recreio» etc, e, quando a má noite retumbava pelo navio o grito d' *ota batalzada!* — *Vigia de bordo, saia!* a vigia de bordo saía da sua caverna, bocejando e espreguiçando-se, com a eterna formula: «Sim, senhor, sim! Somos uma porção de cidadãos particulares da América, que viajaram simplesmente para recreio, e sem ostentação, como convene ao nosso estado, sem representação oficial.»

Como fui membro da comissão e ajudei a redigir a mensagem, estes sarcasmos atingiam-me directamente. Nunca ouvi um marinheiro proclamar-se «uma porção de cidadãos americanos que viajavam para recreio» que não sentisse o desejo d'ele escorregar e ir pela borda fóra, para, ao menos, a tal sua porção ficar reduzida de

um individuo. Nunca me enfatizou phrase nenhuma tanto como o encontro inicial da mensagem ao imperador da Rússia proferido pelos marinheiros.

O porto de mar de Smyrna, o primeiro digno de menção que vimos na Ásia, é uma cidade muito apinhada, de cento e trinta mil habitantes, e, como Constantimopla, não tem subúrbios. São tão densas as suas habitações nas extremidades como no centro, o depois subitamente as casas cessam, e a planicie para além d'ellas parece deserta. O mesmo sucede com qualquer outra cidade do Oriente. Quer dizer, as suas casas mussulmanas são pesadas e negras, o tão desditosos de confortos como outros tantos túmulos; as suas ruas são tortuosas, muitas mal calçadas e tão estreitas como uma escada ordinária; as ruas uniformemente levam uma pessoa a querer logo que não é aquelle para onde ella precisa de ir, e surpreendem-na pondosa no local menos esperado; o comércio faz-se principalmente em grandes bazares cobertos, asehnados como um fayo de mel, com lojas inumeráveis não maiores que uma privada, e todo o cortico cortado n'um labirinto de ruas com a largura suficiente para estar um camelo carregado, o bém dispostas para um extrangero se enganar e uma vez por outra se perder; por feda a parte se vê imundicice, pulgas, cães magros e desfalcados; cada rua está apinhada de gente; para onde quer que lancéis os olhos, dnas com uma grossa máscara de trajes extravagantes; as officinas feam todas portas abertas para a rúa, e os operários estão á vista; toda a casta de sons vos assalta os ouvidos, e a todos domina a voz do inúmera n'algum elevado minarete, chamando á oração os fieis vagabundos; e superior á voz que chama para a oração o barulho das ruas e o interesse dos trajos — mais que tudo, e prestando a atenção primeiramente, depois e sempre — uma combinação de fetiches mahometanos, em comparação dos quais até o cheiro de um bairro chinês seria tão agraciado como o aroma da gorda vitela a assar ao nariz do prodigo que volta á casa paterna. Tal é o luxo oriental e o esplendor oriental! Todos os dias lemos consas a seu respeito, mas só quando se vê que se comprehende. Smyrna é cidade muito antiga. Muitas vezes se encontra na Bíblia a sua denominação, visitaram-na um ou dois dos discípulos de Christo, e aqui se estabeleceu uma das sete primitivas igrejas apocalípticas de que falam os Livros Santos, foram essas igrejas symbolizadas nas Escrituras como candeiros, e em certas condições houve uma especie de implícita promessa de que Smyrna seria contemplada com uma «coroa de vida».

FOLHETIM N.º 8

(Continua.)



**Sr. FILLIPE DE CARVALHO**  
1º tenente da armada e presidente honorário  
da grande comissão que trata dos melhoramentos  
na barra de Portimão



**DR. JOAQUIM PRAGANA NEVES**  
Presidente da grande comissão  
que trata dos melhoramentos da barra  
de Portimão



**SR. FRANCISCO LEAL PANCADA**  
Falecido em 18 de dezembro



**JULIAN YRIAH**  
Comandante do "Uruguay" da expedição  
ao polo antártico



**Sr. VARGAS DE SANTOS**  
O representante da grande comissão brasileira  
da subscrição para se fazer a canhoniaria *Patria*



**ENGENHEIRO HERSENT**  
Falecido em Paris a 28 de dezembro



**SR. LINTO LUIZ DA SILVA**  
Falecido em 30 de Dezembro



**SR. ALFREDO GUIMARÃES**  
Proprietário da casa a que nos referimos no nosso  
ultimo número na seção *Habitações Artísticas*



**Sr. LUIZ DIÉGUEZ**  
O campeão dos pesos leves prestando  
no concurso do *Jornal do Norte*



**Sr. ANTONIO ALFREDO DA SILVA RIBEIRO**  
Capitão-timoneiro comandante da canhoniaria *Patria*



**SR. HYPACIO DE BRION**  
Inspector do Instituto de Socorros a Naufragos



**SR. CAMILLO BOUCHON**  
O campeão de grandes pesos prestando campeão  
do mundo no concurso do *Jornal do Norte*

## CHRONICA ELEGANTE

Como geralmente sucede com todas as coisas que se fazem esperar, o inverno, depois de muitas hesitações, resolvem fazer a sua definitiva aparição, acompanhado do seu cortéjo completo de frio, chuva, vento, nevoeiro, geada, lama e tudo quanto se possa imaginar de feio e desagradável. Só o extremo luxo, a requintada opulência com que a moda actual nos imponha dia a dia, conseguem fazer esquecer no ambiente suave, confortável e perfeitamente das salas, todos os horrores que oferecem a vida ao ar livre.

As *toilettes* de recepção, jantar, teatro, concerto, saraiva ou bális chegam a ter fôrmas de obras d'arte, tal é a delicadeza dos coloridos, a finura e apurado gosto das guarnições, o mixto de opulência, de elegância e bom tom que se revelam na harmonia geral do trajar. Uma das phantasias modernas é a adopção das cores claras para vestidos do passeio à noite; entre estas últimas estão altamente cotadas as cores *aubergine*, *mordore*, *bleu clair*, *vert-empire* e preto. Um dos tecidos preferidos é a *mousseline de soie*, que n'estes tons escuros se polvilha de lantejoulas, diamantes, pérolas, fios de

euro e prata e grinaldas de flores enormes bordadas *en incrustações* com as competentes hastes e folhagens de suavíssimo matiz. As rosas, as hortensias, os lyrios, as magnolias e até os girassóis prestam-se maravilhosamente a esta fantasia moderna, deliciosa quanto se não força a nota acumulando flores em demasia. N'isso é que consiste a arte do *tailleur* e a habilidade do excentro.

Contudo, esta variante no traje não exclui de modo algum a *foulette* clara, que continua a ser adoptada pela maioria das senhoras que dançam, e que poderosamente contribui para o aspecto festivo e alegre dos salões. As *toilettes* de gaze ou tullosombreado (*dégradés*) são deliciosamente distintas; fazem-se em gaze, tulle, crêpe, *mousseline de soie*, etc.; junto à cintura, tanto a saia como o corpo são de um colorido suavíssimo, aumentando de intensidade em sentido inverso e artisticamente estribado, de forma que os tons mais aczentuados se encontram na orla da saia e na parte superior do decote. O *devoré* em seda é escolhido no

tom mais claro e estes vestidos fazem-se quasi sempre em *pâlis soleil*, tendo o sugestivo nome de *Lots Fuller*.

Como se deprehende d'esta descrição, o sombreado é no sentido horizontal; também, no entanto, há tecidos *dégradés* verticalmente formando largas tiras cuja parte central é escura, esmorecendo gradualmente para ambos os lados. As guarnições d'estas *toilettes* são milhas, consistindo numericamente numa haste ou ramo de flores ao lado esquerdo do corpo ou do cinto.

FIG. 1.—*Toilette* de baile em randa de *Chantilly* branca *incrustações* de girassóis em drap de soie amarela com os centros de velludo preto polvilhado de brilhantes.

FIG. 2.—*Toilette* de sair em *mousseline* de seda preta com grinaldas de rosas cor de rosa e folhagem verde-murcho, bordadas a seda.

FIG. 3.—*Toilette* de passeio habillée em paño gris bleu guarnecida de velludo bleu de rox e galões brancos lavorados de azul; chapéu de velludo bleu de rox com pluma ombrée; grande boa de *renard* argente.



Figura 1



Figura 2



Figura 3